

Projeto Pedagógico da Unidade Educativa CUBO MÁGICO

Ano Letivo 2025 / 2026

Projeto Pedagógico da Sala de Creche (2/3 anos)



Educadora: Mónica Antunes

Ajudantes da Ação Educativa: Bruna Cardoso & Cátia Duarte

ÍNDICE

- 1. A Creche e o papel do Educador de Infância de Creche**
- 2. Metodologia do Educador da Sala de Creche (2/3 anos)**
- 3. O Grupo de Creche da sala de 2-3 anos**
- 4. Objetivos Educativos para o grupo de Creche da sala de 2-3 anos**
- 5. Organização de espaço sala**
- 6. Rotina diária**
- 7. Projeto Pedagógico da Sala (2/3 anos)**
- 8. Trabalho de Equipa**
- 9. Trabalho com famílias**
- 10. Processo de avaliação**
- 11. Bibliografia/Referências Bibliográficas**

1. A Creche e o papel do Educador de Infância de Creche

A creche é entendida como um espaço educativo de comunicação e relações que promove o desenvolvimento global da criança, assegurando a continuidade dos cuidados familiares e a satisfação das suas necessidades físicas, emocionais e sociais. Mais do que um local de cuidado, é um ambiente que deve responder às necessidades individuais das crianças e acompanhar o seu rápido crescimento e mudança nos primeiros anos de vida. Nesta medida Vasconcelos (2011), transmite a utilidade de ter um instrumento flexível para monitorização da ação do educador na creche:

“Os interesses e as capacidades das crianças durante os três primeiros anos de vida modificam-se rapidamente e somente através de observações cuidadosas, conhecimento e uso imaginativo de diferentes recursos é possível oferecer atividades interessantes e envolventes que permitam à criança oportunidades de concentração, descoberta e júbilo pelo sucesso e vitória” (p. 48).

O papel do educador, neste contexto, é essencial para garantir condições que favoreçam um desenvolvimento equilibrado, feliz e saudável, valorizando cada criança como um ser único e respeitando as suas especificidades. Assim de acordo com Silva (1997):

(...) um educador deve privilegiar cada criança com um olhar atento, de modo a perceber, respeitar, assegurar as suas diferenças individuais, e admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo.” (p.19).

Neste sentido, a intervenção educativa na creche deve ser planeada de forma intencional, abrangendo os domínios cognitivo, linguístico, motor e socioemocional, e baseada em conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento infantil. O educador atua como mediador ativo, criando experiências significativas e de qualidade, que garantam a continuidade entre o ambiente familiar e o contexto da creche. Através de interações afetivas, consistentes e seguras, a criança sente-se confiante para explorar e aprender. O desenvolvimento ocorre, portanto, na interação com o ambiente e com os outros, sendo a qualidade dessas relações determinante para o crescimento integral da criança. Segundo Oliveira-Formosinho (2007), o desenvolvimento *“não é automático nem unilateral, faz-se na interação com o ambiente”* (p.61).

Ser educador de creche implica um trabalho exigente e sensível, que requer competências de observação, comunicação não-verbal, empatia e escuta atenta. O educador deve compreender para além das palavras (através do olhar, do gesto e do toque), demonstrando serenidade, criatividade, afetividade e respeito pelos ritmos e individualidades de cada criança. É através desta relação próxima e confiante que a criança constrói a sua autoimagem e o sentimento de segurança no mundo. Assim, o educador torna-se um espelho de ternura e dignidade, ajudando a criança a desenvolver autoestima, confiança e uma visão positiva das pessoas e do ambiente que a rodeia.

2. Metodologia do Educador da Sala de Creche (2/3 anos)

A faixa etária dos 0 aos 3 anos representa um período de intensa aprendizagem e desenvolvimento global, no qual a criança adquire competências cognitivas, motoras, emocionais e sociais fundamentais. Tal como refere Vasconcelos (2011), é essencial que o educador reconheça a creche como um contexto privilegiado de experiências significativas, no qual as crianças pequenas constroem ativamente o seu conhecimento através da ação, da experimentação e das relações de confiança que estabelecem com os adultos. Este processo exige adultos atentos, conscientes do seu papel educativo e capazes de compreender a creche como um espaço de aprendizagem integral, onde as experiências e as relações de confiança são pilares do desenvolvimento. O modelo curricular High/Scope assenta no princípio da aprendizagem ativa, segundo o qual a criança aprende agindo, experimentando e interagindo com o meio que a rodeia. O educador, neste contexto, atua como mediador e facilitador, criando oportunidades de descoberta e apoiando a autonomia da criança. A aprendizagem ativa exige um ambiente emocionalmente seguro e estimulante, em que o vínculo afetivo com o adulto é essencial para que a criança se sinta confiante para explorar e construir o seu conhecimento através do corpo e dos sentidos.

O currículo High/Scope estrutura-se em torno da “roda da aprendizagem”, baseada em cinco pilares: observação da criança, interação facilitadora, ambiente físico, horários e rotinas, e aprendizagem ativa. A observação permite conhecer cada criança individualmente e ajustar a intervenção pedagógica; a interação promove vínculos e autoestima; o ambiente é entendido como um terceiro educador, devendo ser seguro e estimulante; as rotinas oferecem segurança e previsibilidade; e a aprendizagem ativa valoriza a ação e a iniciativa infantil. O modelo organiza-se ainda em nove domínios de experiências interligadas (como o sentido de si próprio, as relações sociais, a

representação criativa, o movimento e música, a comunicação e linguagem, o conhecimento físico, o número, o espaço e o tempo) que se desenvolvem de forma integrada. Através da exploração, da expressão e do afeto, a criança constrói o seu conhecimento e identidade. Assim, o educador torna-se um parceiro de descoberta, garantindo que cada criança encontra espaço para agir, pensar e sentir. Em suma, o currículo High/Scope concebe o desenvolvimento infantil como um percurso de descoberta ativa e relacional, reconhecendo o bebé como protagonista do seu crescimento, dotado de voz, valor e poder de ação desde os primeiros anos de vida.

3. O Grupo de Creche da sala de 2-3 anos

Esta sala de crianças de 2/3 Anos (uma das duas existentes na Unidade Educativa Cubo Mágico da Charneca da Caparica) é constituída por um grupo de 20 crianças, sendo 12 crianças do sexo masculino e 8 do sexo feminino, contudo uma das crianças apenas ingressará em novembro nesta sala. A partir de setembro, 12 crianças ainda irão completar os 2 anos, 7 crianças completaram os 2 anos até agosto e 1 criança completou os 3 anos em setembro (condicional). É de realçar que das 20 crianças apenas 9 são filhos únicos do casal; das restantes crianças, 9 têm agregados familiares compostos por irmãos mais velhos (apenas 1 tem o irmão na mesma unidade educativa); 2 das crianças têm um irmão mais novo; e 2 crianças são irmãs gémeas (frequentam esta mesma sala). A maioria das crianças que constituem o grupo, permanecem na instituição das 9h30 às 18:00h. Contudo, existe um grupo restrito (de aproximadamente 5 crianças) que chega à creche depois das 9h30, facto este que perturba a dinâmica diária instaurada na sala.¹³ das crianças que constituem o grupo frequentaram a instituição no ano transato, contudo a maioria do grupo (12), transitaram da sala de ½ anos de outra Educadora, 1 criança já fazia parte do meu grupo do ano passado, (ficou 'retida' nesta sala este ano, motivo de falta de vagas nas salas de Jardim de Infância; por ser a mais nova). As restantes 7, são crianças que não frequentaram esta unidade educativa, cujo 2 delas frequentavam outra escola. É ainda, importante de referir que as a criança mais velha da sala, encontra-se sinalizada com Necessidades Específicas desde o ano letivo passado, a qual usufrui de apoio de uma técnica da Equipa de Intervenção Precoce do Concelho de Almada (Psicóloga Paula Caeiro), além de ser acompanhada na especialidade de desenvolvimento infantil e de otorrinolaringologia no hospital).

O grupo desenvolveu uma adaptação gradual e razoável no que concerne ao espaço, e muito positiva no que respeita à equipa de sala, que em cooperação com as famílias tentou proporcionar um ambiente saudável para as crianças.

Para proceder à avaliação das crianças relativamente ao seu desenvolvimento integral, torna-se pertinente referenciar as áreas de desenvolvimento do manual dos processos-chave.

Ao nível do **Desenvolvimento Motor**, pude observar pouca desenvoltura ao nível da motricidade global, onde a maioria das crianças revela alguma imaturidade na realização dos exercícios/tarefas simples, bem como na locomoção motora (marcha e corrida inseguras) realizando-os com bastante esforço, tais como correr, saltar, saltar a pés juntos, rastejar, subir/descer, etc., revelando pouco equilíbrio e destreza na execução destas atividades. Ao nível da motricidade fina algumas crianças demonstram algumas dificuldades na preensão do lápis e do pincel (sobretudo as mais novas do grupo) fazendo-o em preensão palmar. Em ações de cuidado pessoal, tais como vestir, calçar e de abotoar, praticamente todas as crianças revelam dificuldade ao executar este tipo de tarefas. A hora da refeição é um momento bastante crítico, onde as dificuldades na motricidade fina sobressaem, pois praticamente todas as crianças revelam dificuldade em manusear os utensílios, recorrendo maioritariamente às mãos, em vez de manusear ambos os talheres (colher e garfo), perdendo autonomia neste processo e necessitando/requisitando o auxílio constante do adulto. Todas as crianças deste grupo conseguem levantar e empurrar brinquedos grandes, conseguindo andar e transportar objetos simultaneamente. Na hora do deitar/levantar, em que as crianças têm de vestir/calçar e despir/descalçar, todas elas revelam pouca motivação para tentar resolver a situação de forma autónoma (à exceção de 4 crianças) contudo ao perceberem que é uma tarefa difícil encaminham-se para perto dos adultos para que estes os ajudem, ou aceitando o auxílio das crianças que já o conseguem fazer. Na rotina da higiene, também todas elas revelam alguma autonomia (todas lavam os dentes) mas já demonstram mais dificuldade em lavar as mãos sozinhas, porém o ato de utilizar o sabão líquido e o de colocar a pasta na escova, requerem uma supervisão por parte do adulto. Na hora da refeição, praticamente todas as crianças comem a sopa, sem o auxílio do adulto, contudo no prato do conduto, praticamente todas necessitam desse auxílio. No que se refere à expressão plástica, apenas 4 seguram o lápis com os 3 dedos (preensão em pinça), ao passo que as restantes crianças ainda utilizam a preensão palmar.

No que se refere ao **Desenvolvimento Cognitivo**, mais propriamente à área da linguagem oral, uma minoria de crianças consegue enunciar palavras e construir frases

perceptíveis e bem estruturadas, adequadas ao contexto; mas a maioria das crianças revela uma linguagem diminuta e bastante imatura. A maioria das crianças compreendem, mas algumas crianças revelam dificuldade na compreensão e na execução das instruções dadas pelos adultos; e praticamente todos conseguem-nos imitar. Todas as crianças do grupo exploram algumas propriedades dos brinquedos/objetos (algumas necessitam da presença e estímulo do adulto para tal), mas a maioria ainda não revela intencionalidade na brincadeira, mostrando uma menor capacidade de concentração e consequentemente um desinteresse mais rápido, relativamente a estes. Ao nível da representação criativa, ainda manifestam bastante imaturidade, sobretudo no que diz respeito à expressão plástica, pois realizam trabalhos abstratos (garatujas) e no caso da modelagem limitam-se a amassar (muito pouco) sem construir nada em específico. Porém todas estas limitações são características intrínsecas à faixa etária em questão. Poucas são as crianças deste grupo que já começam a adquirir conceitos de quantidade e de correspondência, bem como de lógica. Esta incapacidade é facilmente verificável na construção de legos, mas sobretudo em jogos de encaixe. Porém, neste âmbito (logico/matemático) todas as crianças já adquiriram conceitos de espaço, através por exemplo, do enchimento/esvaziamento de objetos, do espaço que os objetos ocupam, bem como da sua localização dentro do espaço/sala (neste último revelando mais dificuldade). Revelam também bastante dificuldade na contagem dos números até 3 ou 5. Relativamente ao conceito de tempo, estas já demonstram compreensão a este nível, na medida em que antecipam momentos da rotina, chamando a atenção dos adultos para tal acontecimento. Neste parâmetro, também podemos mencionar o facto das crianças compreenderem o depressa e o devagar, através por exemplo da sua movimentação ou da dos objetos no espaço, ou ainda na expressão corporal e musical. No que confere ao controlo dos esfíncteres, este grupo praticamente não tem autonomia, pois apenas a criança de 3 anos já controla os esfíncteres durante o dia e na sesta; 3 crianças estão em fase de desfralde e 16 ainda utilizam fralda durante o dia todo (contudo, deste grupo algumas crianças já sentem a necessidade de comunicar ao adulto aquando da fralda estar suja).

Relativamente ao **Desenvolvimento Pessoal e Social**, que no meu ponto de vista, é uma área de extrema importância, na qual a maioria das crianças do grupo detém dificuldades. Constata-se uma enorme imaturidade na gestão de conflitos, bem como nas interações entre pares, recorrendo muitas vezes à violência física. Quando chamados à atenção, a maioria não revela sentimentos de culpa nem de compaixão face ao outro. As atitudes pró-sociais também têm pouca incidência nas relações do grupo. Poucas são as crianças do grupo que detêm valores como a partilha (principalmente de brinquedos), e o

sentido de democracia, mostrando alguma dificuldade em esperar pela vez, na realização das atividades e nos diálogos. Todas as crianças do grupo recorrem ao adulto para receber afeto ou aprovação, ou simplesmente para se queixar ou ainda dialogar sobre um assunto da sua importância. Este comportamento tem sempre feed-back positivo por parte dos adultos sempre que quisessem ou achassem necessário, também recorriam ao afecto das crianças, obtendo aqui também um feed-back positivo. As interações neste grupo são muito imaturas e limitadas, refletindo-se muitas vezes em brincadeiras em paralelo, porém já começam a ocorrer sobretudo a pares. Contudo, existem algumas crianças do grupo que já iniciam e instigam brincadeiras com outras. Em brincadeiras, é habitual as crianças retirarem os objetos que os outros têm em sua posse (de forma abrupta) e quando estes não lhes entregam, recorrem a maioritariamente à agressão física (empurrões, arranhões e sobretudo dentadas).

Na hora da sesta, 12 crianças necessitam de chucha, tendo algumas também de recorrer a objetos de transição, como fraldas e bonecos; necessitando uma minoria (2) da presença do adulto como elemento de conforto na hora de adormecer. Neste campo todas as crianças conseguem “despegar-se” dos objetos de transição (chucha e fralda) durante o dia. Estas crianças são emocionalmente bastante instáveis, na medida em que são sempre muito sensíveis à aprovação/desaprovação do adulto, bem como por não quererem acatar as regras da sala; traduzindo-se por choro, “amuo” e “birras”. Todas as crianças mantêm um bom relacionamento com os adultos da sala, demonstrando uma afetividade recíproca, assim como todas as crianças procuram o afeto do adulto em variadíssimos momentos da rotina. Algumas crianças são um pouco mais dependentes com um dos adultos da sala. Quase todas as crianças já têm adquirida a noção de si próprio, conseguindo-se distinguir dos outros, por exemplo, através da sua identificação em fotografias, ao espelho, mas também pelo fato de conseguirem identificar partes do seu corpo (noção de esquema corporal) ao pedido do adulto, ou na interação com o grupo de pares.

Este grupo, demonstra um enorme prazer em atividades de expressão musical e em atividades como expressão plástica, contudo ainda detêm pouca segurança em expressão corporal e nas leituras de histórias ou no diálogo em grande grupo detêm pouca capacidade de concentração.

A autonomia é uma das características também menos desenvolvidas deste grupo, revelando a maioria dificuldades, ou até mesmo recusar-se a realizar actividades como, lavar-se, calçar-se, vestir-se, apanhar um objeto do chão e sobretudo no momento da refeição (esperando que o adulto lhes administre toda a refeição).

Apesar de alguma homogeneidade do grupo em termos de idades, a diversidade das vivências de cada elemento, bem como os diferentes desenvolvimentos de cada criança, levam a uma interligação de saberes e experiências distintas que propiciam um enriquecedor desenvolvimento do grupo e de cada elemento do mesmo.

4. Objetivos Educativos para o grupo de Creche da sala de 2-3 anos

A natureza do trabalho educativo em creche pressupõe a clarificação das suas finalidades educativas e dos seus objetivos educativos. Se o desenvolvimento das crianças acontece de uma forma holística e não de uma forma espartilhada em conteúdos ou áreas, educar é investir no todo que é a pessoa em desenvolvimento. Nesse sentido, todas as organizações por áreas do desenvolvimento ou de aprendizagem são, na sua essência, artificiais. Segurança e autoestima, curiosidade e ímpeto exploratório, competência social e comunicacional são dimensões presentes em todo o trabalho que se realiza com as crianças.

O desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva envolve um sentimento de domínio sobre o próprio corpo, comportamento e mundo; sentido de identidade e de pertença; sentimento de que nas diferentes atividades as probabilidades de sucesso são maiores que as de insucesso e que os adultos podem ajudar. No fundo, sentido de confiança e competência, bases da autonomia. São objetivos educativos, no âmbito do desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva, assegurar que cada cidadão em idade de creche evidencie de forma crescente: conhecimento de si próprio e controlo do seu corpo e respetivas funções; autonomia nas situações de alimentação, higiene, vestir e despir, descanso, pequenas realizações e atividades; capacidade para fazer escolhas e tomar decisões de forma autónoma; capacidade para expressar as suas necessidades ou medos e confiança nos adultos; confiança em si próprio, evidenciada na capacidade para lidar com mudanças ou incertezas e enfrentar riscos sem ansiedade ou medo desmesurados; atitudes e sentimento de ligação ao mundo social e natural, cuidando do ambiente e ajudando os outros no desempenho das suas tarefas ou rotinas.

Desta forma, são objetivos educativos para o **Bem-Estar e Saúde**, deste grupo, no âmbito do desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva assegurar que cada cidadão em idade de creche evidencie de forma crescente:

- conhecimento de si próprio e controlo do seu corpo e respetivas funções;
- autonomia nas situações de alimentação, higiene, vestir e despir, descanso, pequenas realizações e atividades;

- capacidade para fazer escolhas e tomar decisões de forma autónoma;
- capacidade para expressar as suas necessidades ou medos e confiança nos adultos;
- confiança em si próprio, evidenciada na capacidade para lidar com mudanças ou incertezas e enfrentar riscos sem ansiedade ou medo desmesurados;
- atitudes e sentimento de ligação ao mundo social e natural, cuidando do ambiente e ajudando os outros no desempenho das suas tarefas ou rotinas.

Estratégias:

- Existe flexibilidade nas rotinas, nomeadamente nos momentos de descanso;
- De forma crescente são asseguradas oportunidades e tempo para as crianças exercitarem a sua autonomia, nas situações de alimentação, descanso, higiene, vestir/despir,;
- As crianças são assistidas pelos adultos de formas que não suscitam vergonha ou embaraço, nomeadamente nas situações em que as crianças falham o controlo dos esfínteres;
- As crianças são encorajadas na expressão adequada das suas emoções;
- O contexto é estimulante e proporciona diferentes desafios em função daquilo que cada criança necessita para aceder a níveis mais complexos de ação e de pensamento;
- O contexto oferece previsibilidade mas, de forma sensível e atenta, o/a educador/a vai introduzindo mudanças e surpresa nas rotinas das crianças;
- O contexto procura assegurar espaço para escolha e livre iniciativa, equilibrado com limites claros e entendíveis pelas crianças;
- Regras sobre o não magoar os outros e cuidar do ambiente são tópicos de conversa e de natural negociação com os adultos;
- São dadas oportunidades à criança para falar de experiências familiares a adultos atentos e interessados.

O desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório envolve o sentimento de que descobrir coisas é positivo e gera prazer, o desejo e capacidade de perceber e ter um efeito nas coisas e de atuar nesse sentido com persistência.

Assim, proponho como objetivos educativos para a **Identidade Pessoal, Social e Cultural**, no âmbito do desenvolvimento de uma atitude curiosa e da preservação do ímpeto exploratório natural das crianças, assegurar que cada cidadão em idade de creche evidencie de forma crescente:

- uma atitude para compreender o seu mundo, objetos, pessoas, comportamentos, interagindo com outros, brincando e explorando ativamente, questionando, desenvolvendo, testando e aperfeiçoando as suas ideias acerca do mundo, de si próprio e dos outros;
- capacidade para fazer escolhas sobre o tipo de espaços, materiais e objetos que quer explorar, encontrando os seus próprios desafios e objetivos, e organizando-se no sentido de os alcançar;
- um controlo crescente sobre o seu corpo (locomotoção, manipulação, coordenação, equilíbrio) e uma crescente desenvoltura na sua movimentação no espaço;
- capacidade para mobilizar estratégias de exploração ativas, através de todos os seus sentidos e movimentos ou utilizando ferramentas, materiais e equipamentos diversos;
- uma confiança na forma como utiliza uma variedade de estratégias para exploração e atribuição de sentido ao mundo, ao nível da resolução de pequenos problemas, identificação de padrões, classificação de objetos, experimentando, comparando, questionando, ouvindo e participando em conversas, observando e escutando histórias, etc.

Estratégias:

- As crianças encontram no seu dia a dia atividades que estimulam o seu desenvolvimento motor e que oferecem vários graus de desafio (equilíbrio, utilização de talheres ou de ferramentas, vestir e despir, atividades de construção, percursos com obstáculos);
- As crianças podem explorar vários livros e histórias sobre temáticas diversas (ex. corpo humano, animais, objetos, tradições, comportamentos...), bem como cartazes ou imagens interessantes, sendo encorajadas a dar um nome às coisas, a pensar e a falar sobre elas;
- As crianças podem iniciar e desenvolver pequenas atividades da sua própria iniciativa, identificando e resolvendo problemas que naturalmente vão ocorrendo, podendo contar com o apoio do adulto sempre que necessário;
- As crianças são encorajadas a explorar através de ensaio e erro, com vista à procura de soluções ou novas alternativas, explorando formas e objetos de duas e três dimensões;
- As crianças são encorajadas ao reconhecimento e utilização de símbolos como imagens, desenhos e sinais, etc.;

- As crianças têm oportunidade de conhecer aspetos relativos à diversidade do mundo natural, observando plantas, animais, rochas, fenómenos meteorológicos e desenvolvendo atitudes de cuidado;
- As crianças têm oportunidades de explorar a forma como as coisas se movem ou como podem ser movidas (ex. soprando, empurrando, puxando, rolando, oscilando, afundando);
- As crianças têm oportunidades de desenvolver a compreensão espacial, juntando e separando objetos, fazendo construções, organizando e arrumando objetos, observando objetos de diferentes pontos de vista, utilizando lupas, etc.;
- As crianças têm a oportunidade de vivenciar questões sociais, como regras, deveres e responsabilidades, alargando o seu conhecimento acerca do mundo social;
- As crianças têm oportunidade de conhecer locais de interesse da sua região, contactando com o património e cultura local.

A competência social e comunicacional envolve desenvolvimento do autocontrolo (capacidade de controlar os comportamentos, de formas adequadas à idade), estabelecimento de relações positivas, sentido de cooperação (a capacidade de conjugar as necessidades e desejos individuais com as de outros numa situação de grupo), e ainda o desejo e capacidade de partilhar experiências, ideias e sentimentos com outros, de formas diversas, com confiança e competência crescentes.

Por fim, temos como objetivos educativos para a **Comunicação, Linguagem e Práticas Culturais**, no âmbito do desenvolvimento da competência social e comunicacional, assegurar que cada cidadão em idade de creche evidencie de forma crescente:

- competências de responsividade e reciprocidade, como aguardar a sua vez ou dar e receber;
- um repertório cada vez mais elaborado de gestos, movimentos corporais e vocalizações para comunicar e expressar desejos, interesses e sentimentos;
- desenvolvimento fonológico (discriminação e articulação dos sons da fala), descoberta de regras da linguagem verbal e aquisição lexical, em situações do dia a dia, durante os cuidados, no brincar e na exploração de livros de histórias, etc.;
- capacidade para iniciar, manter e desfrutar de uma relação com outras crianças e adultos, incluindo lidar com conflitos, negociar, ter em consideração o ponto de vista do outro e ajudar outros, etc.;
- sentido de responsabilidade e respeito por regras e limites comuns.

Estratégias:

- Os adultos conhecem e respeitam os sinais de conforto e desconforto das crianças;
- A criança tem oportunidade de interagir em jogos de escuta de sons ou palavras, dançar, usando o seu corpo como forma de expressão;
- Os adultos expandem as verbalizações das crianças, repetindo, modelando novas palavras e frases, utilizando frases simples e claras, dando tempo à criança para responder e conversar;
- As crianças têm muitas oportunidades para interagir com outras crianças, observar e imitar, partilhar brinquedos, brincar em conjunto com palavras e histórias, canções e lengalengas;
- As conversas e perguntas do adulto envolvem referências a quantidades (ex. quantos meninos querem ir passear à horta? Tens dois carros muito giros!);
- As crianças são estimuladas para utilização de conceitos espaciais como “em cima”, “em baixo”, “dentro”, “fora”, etc.;
- A identificação ou nome da criança está escrito nos seus espaços pessoais, através de símbolos e/ou letras;
- Estão disponíveis livros variados e a exploração ou o contar de histórias são experiências interativas frequentes e aprazíveis, geradoras de um clima de intimidade;
- São oferecidas oportunidades e materiais para construção e expressão, como tintas, cola, barro, farinha, areia, desperdícios, folhas, pedrinhas, etc.;
- O adulto apoia o desenvolvimento de toda a atividade simbólica ou de faz-de-conta da criança;
- As crianças têm oportunidade de explorar vários materiais musicais (ex. tambores, maracas, guizeiras, xilofone, etc.);
- As crianças são incentivadas a experienciar o potencial comunicativo de todo o corpo através da dança, mímica e jogo dramático;
- As crianças têm amplas oportunidades de iniciar conversas, contar histórias, colocar questões.

5. Organização do espaço sala

“Um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais.” (Post & Hohmann, 2007 p. 101)

Um espaço organizado para crianças mais novas deverá ser *“seguro, flexível e pensado para a criança, de forma a proporcionar-lhe conforto e variedade e a favorecer as necessidades e interesses que o desenvolvimento em constante mudança impõe.”* (Post & Hohmann, 2007 p. 14)

A sala fica situada no 1º andar, na ala direita do edifício escolar. Este espaço torna-se um local aliciante e motivador para as crianças que dele usufruem. É amplo e reflete uma luminosidade natural, detendo também uma casa de banho adaptada à faixa etária em questão.

A sala está disposta de forma a permitir uma boa visibilidade do adulto sobre todo o espaço e deixando o máximo de espaços amplos para as crianças se deslocarem livremente nas suas várias formas de locomoção. Segundo Hohmann e Weikart (2004), é importante esta amplitude, pois as crianças necessitam destas zonas para se movimentarem livremente, para manipularem os diversos objetos e materiais existentes e para interagirem com os seus pares e com os adultos que se encontrem no espaço. Deste modo, os materiais, na sua maioria encontram-se encostados às paredes, deixando o máximo de espaço central livre. Os materiais e armários encontram-se ao alcance das crianças, permitindo e facilitando a iniciativa e autonomia destas sobre todos os objetos.

Segundo os autores Hohmann e Weikart, a sala deve ser dividida *“(...) em áreas de interesse bem definidas, de forma a encorajar diferentes tipos de actividades”* (Hohmann & Weikart, 2004, p.163). Neste sentido, a sala de 2/3 anos está organizada segundo áreas de interesse, que permitem a exploração livre ou orientada de diversos materiais: Área da Manta; Área das Construções e dos Jogos; Área da Expressão Plástica; Área da Casinha/Trapalhada; Área da Biblioteca e; Área da Garagem. Também fora do espaço-sala, localiza-se a Área do Exterior e no andar de baixo encontra-se o Refeitório (o qual temos de ir através de escadas). Outro local localizado fora da escola e bastante frequentado/explorado pelas crianças da sala é a “mata/horta” que é quase um “prolongamento” da sala para a atividade pedagógica.

A organização da sala pode ser modificada ao longo do ano letivo, assim como complementada com outros materiais, de forma a acompanhar sempre as necessidades

reais das crianças e os seus interesses. Segundo Ministério da Educação a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo.

Para um desenvolvimento da criança apoiado em aprendizagens significativas, é fundamental estabelecer um ambiente seguro e estável. Alterações ao espaço e substituição dos profissionais devem ser feitas com o conhecimento prévio das crianças e sem mudanças repentinas, de forma a oferecer um espaço conhecido e acolhedor às crianças. Torna-se importante ressaltar que a Educadora permite a circulação de materiais de uma área para a outra, por parte das crianças, porque “as crianças precisam de espaço para usar objetos e materiais, fazer explorações criar e resolver problemas; espaço para se mover livremente, falar à vontade sobre o que estão a fazer, espaço para guardar as suas coisas e exibir as suas invenções; e espaço para os adultos se lhes juntarem para as apoiar nos seus objetivos e interesses”. (Hohmann & Weikart, 2004, p. 162). A organização do espaço, bem como a sua adaptação face às necessidades específicas do grupo e a situações que ocorram na rotina, ficam ao critério da Educadora em cooperação com as Ajudantes da Ação Educativa. Quanto à arrumação da mesma, a equipa da sala incute no grupo o sentido de responsabilidade relativamente à arrumação e à preservação desse espaço, dando o exemplo, arrumando com as crianças.

O espaço educativo centrado na criança promove o desenvolvimento físico, a comunicação, as competências cognitivas e as interações sociais. Deste modo, é importante que este seja um espaço agradável, no qual as crianças se sintam confortáveis e os adultos possam observar, valorizar e apoiar as ações e escolhas dos mais pequenos.

A organização do espaço permite conquistar a criança, uma vez que pressupõe uma separação, e uma aceitação de novos riscos. Permite ainda proporcionar um ambiente de ordem e flexibilidade, procurando responder aos interesses da criança, que, como sabemos, estão, nesta altura, numa constante mudança. Se o ambiente, consequentemente, resultar em qualidade deve, igualmente, promover nas crianças o crescimento/desenvolvimento de capacidades físicas, cognitivas e sociais.

6. Rotina diária

Entendo que o tempo educativo deve ter uma grande flexibilidade existindo, no entanto, momentos que se repetem com uma certa regularidade. Durante o dia, a criança tem a possibilidade de concretizar diferentes atividades; atividades livres ou orientadas,

em pequeno ou grande grupo ou mesmo individualmente onde se realizam aprendizagens diversas. De acordo com Post e Hohman (2007, p.195) *“as rotinas permitem que a criança tenha um maior controlo de continuidade, transmitindo-lhe confiança e segurança (...) ajuda as crianças a sintonizarem-se com o ritmo do seu próprio corpo e com o ritmo do dia.”* Quando o dia avança seguindo um percurso conhecido, as crianças podem sinalizar as suas necessidades individuais de alimentação, sono, higiene, mudar a fralda e, depois de participarem nestas rotinas de cuidados, podem juntar-se de novo ao decurso dos acontecimentos que interromperam. Segundo Hohmann e Weikart, a rotina diária *“(...) permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia (...)”* (Hohmann & Weikart, 2004, p.8). Como tal, a rotina diária torna-se, assim, num elemento-chave, no sentido de levar a criança a desenvolver o sentido de continuidade, o que ajudará por sua vez a desenvolver sentimentos de confiança e segurança, assim como o sentido de organização e autonomia, permitindo à criança fazer escolhas e tomar decisões.

A organização do tempo educativo é flexível (de modo a adequar-se às necessidades e às características do grupo) contudo, existem rotinas diárias que são importantes para as crianças, uma vez que lhes possibilitam a compreensão do tempo, no que se refere à sucessão dos diferentes momentos do dia, como tal, a educadora prevê e organiza um tempo, simultaneamente estruturado e flexível, em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças.

Hora	Acontecimento
7.30 - 9.00	Acolhimento/Brincadeira livre
9.00 – 9.15	Arrumação da sala
9.15 – 9.30	Merenda da manhã
9.30 – 9.40	Higiene
9.40 - 10.30	Reunião em grande grupo / Planeamento de atividades/Iniciação da atividade
10.30 – 11.00	Atividade orientada e/ou Brincadeira livre (interior/exterior)
11.00 - 11.15	Higiene
11.15 – 12:30	Almoço
12.30 - 13.00	Higiene (inclusive higiene oral)
13.00 - 15.00	Repouso
15.00 – 15.15	Higiene
15.15 - 15.45	Lanche
15.45 – 16.15	Higiene
16.15 - 19.30	Brincadeira Livre (interior/exterior) / Saídas

A semana do grupo de crianças contempla, ainda, uma Sessão de Expressão Musical e outra de Expressão Corporal, orientada pela educadora da sala, ambas na sala de atividades, ou no exterior.

7. Projeto Pedagógico da Sala (2/3 anos)

Neste presente ano letivo, o tema do Projeto Educativo intitula-se “Os Oceanos” cujo serviu de base para a elaboração do Projeto Pedagógico de sala “Exploradores de Oceanos” que tem como finalidade promover experiências que permitam às crianças conhecerem-se a si próprias, aos outros e ao mundo que as rodeia, valorizando uma prática educativa centrada nos seus interesses e necessidades; procurando incentivar a autonomia e a confiança das crianças através da exploração ativa do meio envolvente. Neste contexto, este Projeto integra-se na iniciativa internacional *ClubOcean*, que consiste na venda de pulseiras alusivas a animais. A aquisição de uma pulseira de um animal (que será realizada consoante a escolha da maioria do grupo de crianças) para a sala, irá contribuir financeiramente para as ações de associações e parceiros que lutam pela proteção e salvaguarda de alguns animais marinhos, mas também na despoluição dos oceanos. Este projeto alia a aprendizagem à responsabilidade ambiental, permitindo que as crianças acompanhem, através de uma pulseira de rastreamento, um animal marinho apadrinhado pelo grupo, contribuindo simultaneamente para a limpeza dos oceanos e a preservação da vida marinha. O envolvimento das famílias é essencial, uma vez que cada criança leva a pulseira para casa, partilhando semanalmente descobertas, reflexões e criando histórias sobre o seu “animal protegido”, fortalecendo assim a ligação emocional e a consciência ecológica.

Através deste Projeto, a Educação Ambiental é trabalhada de forma interdisciplinar e experiencial, promovendo atitudes de responsabilidade, respeito e compromisso com o meio natural e social. (Reigota, 2001). A observação e o acompanhamento dos animais conduzem também à descoberta de novas realidades e culturas, incentivando a compreensão da diversidade cultural e a valorização do “outro”. A expressão plástica (construção de um livro de histórias sobre o animal) assume um papel central neste processo, pois permite às crianças, segundo Sousa (2003) comunicar emoções, desenvolver a imaginação e refletir sobre o que aprendem, reutilizando materiais e contribuindo para a sustentabilidade. O educador, em articulação com as famílias, organiza ambientes ricos e significativos que estimulam a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico. Assim, o projeto favorece uma aprendizagem participativa e cooperativa, baseada na corresponsabilidade entre escola e família. Assim, Alves e Leite (2005, p.9) referem que “a cooperação escola–família–escola exige vontade, tempo, perseverança (...) é uma das condições essenciais para que os processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos (...) para que sejam melhores os resultados dos alunos”.

(p.9) Em suma, “Exploradores de Oceanos” representa uma oportunidade para formar cidadãos conscientes, empáticos e comprometidos com a preservação do planeta, consolidando desde cedo valores de solidariedade, respeito e sustentabilidade ambiental.

Objetivos inerentes ao Projeto “Exploradores de Oceanos”:

- Promover a consciencialização ambiental
- Criar sentimentos de pertença a um grupo
- Fomentar a autonomia e a responsabilidades
- Instigar o desenvolvimento da motricidade fina
- Cooperação escola-família no processo ensino-aprendizagem
- Partilhar objetos entre pares
- Criar laços afetivos com animais
- Sensibilizar para o cuidado pelo outro
- Procurar conhecimento sobre outros países/culturas
- Partilha de conhecimentos com o grupo
- Estimular a imaginação e criatividade

8. Trabalho de Equipa

“Trabalhar em equipa é partilhar essa riqueza extraordinária resultante da comunhão de perceções diferentes ou de condutas variadas.”

Jacques Salomé

A Equipa Pedagógica da sala é constituída por uma Educadora de Infância e por duas Ajudantes da Ação Educativa. O trabalho em equipa é essencial para garantir um ambiente educativo equilibrado e seguro, promovendo uma prática pedagógica coerente e consistente, construída a partir da definição conjunta de objetivos e estratégias. Cada membro da equipa educativa traz consigo competências e saberes únicos que devem ser valorizados, independentemente da sua função ou formação, reconhecendo-se que todos são educadores e contribuem para o desenvolvimento das crianças. A colaboração eficaz baseia-se na confiança, na comunicação aberta e na partilha de experiências, permitindo observar e interagir com as crianças de forma intencional e enriquecedora. Embora exija tempo, paciência e cooperação, o trabalho em equipa potencia o crescimento profissional, favorece a aprendizagem coletiva e assegura um ambiente de desenvolvimento

harmonioso, sustentado por uma comunicação clara e pela partilha do pensamento pedagógico do educador. (HOHMANN & WEIKART, 2004)

9. Trabalho com famílias

“A escola deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio da família e crescer gradualmente para fora da vida familiar, deve partir das atividades que a criança vivencia em casa e continua-las... É tarefa da escola aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família.”

(John Dewey, 1997)

A relação entre a família e a equipa educativa é essencial para o desenvolvimento equilibrado da criança, pois permite uma cooperação baseada na confiança, na partilha de informações e na valorização mútua dos contextos familiar e escolar. A família, enquanto portadora de valores, tradições e experiências, é um recurso fundamental no processo educativo, contribuindo para a criação de um ambiente de cumplicidade e corresponsabilidade. Para que essa parceria seja efetiva, é necessário que a equipa educativa promova estratégias de envolvimento das famílias na construção e execução do projeto pedagógico. Durante o período da pandemia de Covid-19, as instituições recorreram a meios digitais, como grupos de comunicação online, para manter o diálogo e a proximidade com as famílias, dando continuidade a esses mesmos meios até aos dias de hoje, fortalecendo desta forma os laços entre escola-casa. De acordo com autores como Goldschmied (2006) e Oliveira-Formosinho (2013), o uso de ferramentas tecnológicas, como portefólios digitais, fotografias e vídeos, potencia essa integração, tornando a comunicação mais acessível, contínua e significativa, e reforçando o papel partilhado entre creche e família na educação da criança.

10. Processo de Avaliação

O currículo pode ser entendido como um plano estruturado que organiza conteúdos, objetivos, experiências de aprendizagem, recursos e avaliação, orientando todo o processo educativo. É um conceito multifacetado, que incorpora teorias de ensino, aprendizagem e avaliação, funcionando como um guia dinâmico e reflexivo. A avaliação, enquanto parte integrante do currículo, constitui um processo contínuo de observação, análise e tomada de decisões, permitindo verificar se os objetivos educacionais estão a ser alcançados e identificar oportunidades de melhoria, segundo Pacheco (1996). Assim,

a avaliação deixa de ser apenas uma medição de resultados e passa a ser uma ferramenta essencial para a compreensão dos progressos das crianças, apoiando o ajustamento das práticas pedagógicas e o aperfeiçoamento do currículo.

Neste contexto, o processo avaliativo assume um carácter formativo, sustentado na observação sistemática e nos registos diários das interações e aprendizagens das crianças, privilegiando o processo em detrimento do produto final. A reflexão e a planificação conjunta entre docentes e não docentes tornam-se fundamentais para garantir uma intervenção educativa coerente, promotora do desenvolvimento integral das crianças. Reuniões periódicas e momentos de partilha entre toda a equipa, as famílias e a comunidade educativa asseguram a continuidade e a melhoria do projeto pedagógico, que, embora documentado, deve permanecer flexível e aberto a adaptações (indo ao encontro das necessidades do grupo), assim como ao alcance de toda a equipa de trabalho e familiares para consulta. Deste modo, a avaliação e a cooperação entre todos os intervenientes do processo educativo, contribuem para uma prática educativa mais consciente, participativa e ajustada às necessidades do grupo infantil.

11. Bibliografia/Referências Bibliográficas:

- a) Alves, J. M.; Leite, M. J. (2005). Sucesso na escola – Um guia para os pais. Coleção Saberes. Porto: Edições Asa.
- b) DEWEY, J. (1997) Experience and education. Nova Iorque: Simon & Schuster
- c) Dias, G. F. (1992). Educação Ambiental: Princípios e Práticas. São Paulo: Gaia
- d) Feytosa, A. & Silva, E. (1997) *Aprender: O desenvolvimento da inteligência*. Lisboa: Marina Editores
- e) Formosinho, J. (2007). Prefácio. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), Modelos Curriculares para a Educação de Infância: construindo uma práxis de participação (3ªed). Porto: Porto Editora.
- f) Goldschmied, Elionor; Jackson, Sonia (2006) . Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- g) Hohmann, M., e Weikart, D. (2004) 3ª edição. Educar a criança. Fundação Calouste Gulbenkian.
- h) Oliveira-Formosinho, Júlia; Araújo, Sara Barros (2013). Educação em creche: Participação e Diversidade. Série Infâncias, Contextos e Diversidades. Porto Editora
- i) Pacheco, J. (1996). *Currículo: teoria e praxis. Coleção Ciências da Educação*. Porto: Porto Editora.
- j) Post, Jacalyn e Hohmann, Mary (2007). Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- k) Silva, M. I. R. (1997) Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação - Núcleo de Educação Pré-Escolar
- l) Sousa, A. (2003). *A Educação pela Arte e Arte na Educação, Música e Artes Plásticas*. 3º volume. Lisboa: Instituto Piaget
- m) Vasconcelos, T. (2011). Conselho Nacional de Educação - Recomendação n.º 3/2011 – A educação dos 0 aos 3 anos. Diário da República, 2.ª série — N.º 79 — 21 de Abril de 2011.